

MAURICIO BEUCHOT E O TOMISMO ANALÍTICO

Entrevista e tradução da entrevista por *Ivanaldo Santos*¹



Mauricio Hardie Beuchot Puente, mais conhecido como Mauricio Beuchot, nasceu em Torreón, Coahuila, no México em 04/03/1950. No México realizou estudos filosóficos no Instituto Superior de Estudos Eclesiásticos (ISSE) e no Centro de Estudos da Ordem dos Pregadores de 1968 a 1973. Posteriormente passou um ano (1973-1974) na Universidade de Friburgo na Suíça, onde se especializou em filosofia medieval e filosofia analítica. Realizou cursos na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) de 1974 a 1976. Obteve a licenciatura em filosofia em 1977 no Instituto Superior Autônomo do Ocidente (atualmente Universidade do Vale do Atemajac, Guadalajara, México) com a tese *Estrutura e função da metafísica de Aristóteles*. Em 1978 defendeu a dissertação de mestrado na Universidade Iberoamericana do México, cujo título é *Análise semiótica da metafísica* e em 1980 alcançou o doutorado em filosofia com a tese *O problema dos universais no tomismo e na filosofia analítica*. Atualmente é professor titular do Instituto de Investigações Filosóficas da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Suas áreas de pesquisa são: filosofia medieval, tomismo, filosofia analítica, hermenêutica e filosofia latino-americana. Mauricio Beuchot é um dos grandes nomes da filosofia na América Latina e uma das investigações mais promissoras desenvolvidas por ele é o diálogo entre o tomismo e a filosofia analítica, especificamente no âmbito da filosofia da linguagem e sua relação com a metafísica. Entre seus livros destacam-se: *Elementos de Semiótica* (UNAM, 1979), *El problema de los universales* (UNAM, 1979), *La filosofía del lenguaje en la Edad Media* (UNAM, 1981), *Filosofía analítica, filosofía tomista e metafísica* (UIA, 1983), *La Semiótica* (2004), *Tratado de hermenéutica analógica. Hacia un nuevo modelo de la interpretación* (UNAM, 2005)

A *Aquinate* agradece ao Prof. Mauricio Beuchot e ao Prof. Ivanaldo Santos pela entrevista.

1. Prezado Professor Mauricio Beuchot, fale-nos de sua formação filosófica e de suas pesquisas.

¹ Doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do departamento de filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

Minha formação filosófica se deu dentro do tomismo. Especialmente dentro da Ordem dos Pregadores (os padres dominicanos) no México e também na Universidade de Friburgo na Suíça, onde conheci o padre I. M. Bochenski, grande lógico polonês e eminente filósofo analítico. Além disso, realizei a pesquisa de doutorado na Universidade Iberoamericana do México sobre o tema dos universais. Trabalhei durante alguns anos nessa universidade até que em 1979 entrei para a Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Na UNAM entrei como investigador do Instituto de Investigações Filosóficas que se caracteriza por sua orientação muito forte na área de filosofia analítica. Inicialmente, neste centro de investigações me dediquei a pesquisar sobre filosofia medieval. No entanto, essa pesquisa visava reconstruí-la a partir dos instrumentos da filosofia analítica (lógica, semiótica *etc.*). Escrevi vários livros sobre o tema, antes de passar, em 1991, a me dedicar a hermenêutica.

2. De acordo com estudiosos como, por exemplo, Sixto José Castro, Mario Magallón Anaya e José Rubén Sanabria, sua obra filosófica pode ser enquadrada na condição de tomismo analítico. Sendo assim, como é possível um diálogo entre o tomismo e a filosofia analítica? Que contribuições Tomás de Aquino pode oferecer à filosofia analítica?

Creio que a colaboração da filosofia tomista com a filosofia analítica, na forma de tomismo analítico, não apenas é possível, mas que de fato tem sido realmente efetiva durante vários anos. Eu atribuo isso ao fato de a filosofia analítica ser muito aberta e despretensiosa. Para ela o que realmente interessa são os argumentos que se agrupam para poder defender teses que se sustentam. Neste caso, não existem prejuízos como pensar que a filosofia tomista é obscurantista, retrograda *etc.*

Com relação à segunda pergunta, ou seja, que contribuições Tomás de Aquino pode oferecer a filosofia analítica, eu tenho encontrado no âmbito do tomismo varias coisas que ancoram a filosofia analítica e vice-versa. Essa ancoragem se encontra em vários campos. Vou falar apenas de um, o qual é a filosofia da linguagem, que tem parte com a lógica (filosofia da lógica) e com a ontologia. Tal são, por exemplo, as diversas formas de referência e do sentido, isto é, a teoria da suposição dos termos e a da estrutura do enunciado, do sujeito e do predicado da forma como é posto pelo hilemorfismo aristotélico-tomista, para o qual o quantificador está na parte do predicado, como, por exemplo, a quantidade determina a matéria. Outro tema muito importante dentro do tomismo e que pode trazer muitos aportes para a filosofia analítica é a ontologia, especificamente o problema dos universais.

3. Para A. J. Lisska o tomismo analítico é uma metodologia filosófica que utiliza os instrumentos da filosofia analítica para esclarecer o sentido dos argumentos que se encontram nos textos da filosofia medieval e particularmente em Tomás de Aquino. Sendo assim, o tomismo analítico está preso ou de alguma forma ligado à primeira geração de filósofos analíticos (Moore, Wittgenstein *etc.*), os quais tinham como foco central de suas pesquisas a análise metodológica da linguagem? O que é o método de pesquisa filosófica para o tomismo analítico?

Parece-me que o tomismo analítico não está totalmente ligado à primeira geração de filósofos analíticos. Muitos filósofos dessa geração estiveram vinculados ao positivismo lógico. Penso que neste momento, ou seja, no início do século XXI, há um “giro pragmático” na filosofia analítica, caminhando na direção do segundo Wittgenstein, Austin, Searle e incluso o pragmatismo norte-americano. Assim, me interessa o diálogo do tomismo com Charles S. Peirce. Diálogo que me parece muito frutífero. Sobretudo porque Peirce conhecia muito bem a escolástica e fazia uso dela. Eu utilizo muito o método de Peirce e me parece que ele está na linha de Santo Tomás.

4. Já para John Haldane o tomismo analítico utiliza os recursos argumentativos e metodológicos oriundos tanto do tomismo como da filosofia analítica para tratar de problemas filosóficos contemporâneos. Entre esses problemas cita-se: o aborto, a eutanásia, a relação mente e corpo, a existência de Deus e a dignidade da pessoa humana. Neste sentido, existe uma contradição entre a posição de A. J. Lisska e de John Haldane?

Não creio que Lisska seja tão positivista. Penso, em todo caso, que me aproximo mais da postura de Haldane. Eu creio que a filosofia analítica tem instrumentos conceituais muito sérios e que eles podem ser utilizados para abordar problemas candentes do nosso tempo, como os problemas que você citou.

5. O tomismo analítico é uma corrente dentro do neotomismo? Ou ambos são correntes independentes dentro do grande movimento filosófico conhecido como *tomismo*?

Não creio que o neotomismo e o tomismo analítico sejam dois movimentos distintos dentro da grande corrente do *tomismo*, mas complementares. Muitas vezes os neotomistas, por exemplo Maritain, desenvolveram a lógica matemática. Creio que são bem mais complementares:

aprofundar a dimensão histórica, como Maritain, Gilson e outros, e aludir à utilização do método analítico para temas atuais, da forma como faz Peter Geach.

6. Mario Micheletti, no livro *Tomismo analítico*, didaticamente separa o tomismo analítico do tomismo wittgenstariano. Qual é a contribuição de Wittgenstein para o tomismo analítico? A separação entre o tomismo analítico do tomismo wittgenstariano realmente existe? Ou ela é possível apenas como uma forma didática de apresentar o tomismo analítico?

Parece-me que o tomismo wittgenstariano é parte integrante do tomismo analítico. Neste sentido, penso, por exemplo, em Anthony Kenny. Penso que a separação entre tomismo wittgenstariano e tomismo analítico é uma distinção com fins didáticos. No tocante a influencia de Wittgenstein para o tomismo analítico, me parece que muitas das suas ideias podem ser aplicadas a doutrina tomista, por exemplo, a distinção entre o dizer e o mostrar. Essa distinção ajuda a entender o uso da analogia por parte de Santo Tomás (para dizer o indizível) e também se aplica ao aprendizado das virtudes, ou seja, aquilo que pouco se tem a dizer e muito se tem a mostrar.

7. Qual sua atual ligação com centros de pesquisas do tomismo analítico como, por exemplo, a Universidade de Notre Dame nos EUA?

Não possuo vínculos com a Universidade de Notre Dame, mas sim com a *University of Saint Thomas*, de Houston, Texas, EUA. Ali trabalha meu amigo John Deely, o qual é um excelente estudioso da semiótica, especialmente da semiótica de Peirce.

8. Quais são suas atuais pesquisas?

Na atualidade estudo a noção de analogia, um tema muito importante para Santo Tomás, em relação com Charles S. Peirce, o qual tem presente esse tema em vários pontos de sua obra, por exemplo, na teoria da abdução. Também como parte da *distinctio* (a distinção), a qual atribuí um esquema de silogismo disjuntivo, precisamente como dilema, o qual só pode ser resolvido encontrando um elemento que falta. Utilizo esse tema para estruturar uma hermenêutica analógica, a qual também poderia ser uma pragmática analógica. A analogia é um conceito muito frutífero para a atualidade.

9. Por fim, fale-nos da importância de Tomás de Aquino para o homem e também para a filosofia contemporânea.



A importância de Santo Tomás para o homem e a filosofia contemporânea está, sobretudo, na sua teoria das virtudes. Depois de uma época demasiada apegada a uma psicologia condutivista, ou seja, individualista, principalmente na educação, está pouco a pouco se voltando a ideia de virtude e também a formação (no sentido de educação) em virtudes. E deste tema Santo Tomás sabe muito. Nesta questão ele pode nos ajudar muito. Nesta problemática ele pode contribuir muito tanto para a filosofia como também para o homem contemporâneo.